

ESTÓRIAS
DO MOBRAL

778

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Ernesto Geisel

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Euro Brandão

PRESIDENTE DO MOBRL
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MOBRL
Sérgio Marinho Barbosa

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO DO MOBRL
Odaléa Cleide Alves Ramos

Ministério da Educação e Cultura — MEC
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL

ESTÓRIAS DO MOBRAL

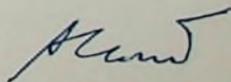
Rio de Janeiro, 1979

APRESENTAÇÃO

O MOBREAL apresenta algumas características marcantes: está presente e atuante em todos os municípios de um País que mais se assemelha a um continente, pelas dimensões e pela diversidade; envolve milhões de pessoas anualmente, entre alunos e professores, em situações muito variadas de participação nos seus inúmeros programas; opera graças ao trabalho voluntário de líderes comunitários, dedicados quase sacerdotalmente à nobre missão de elevar o nível cultural da parcela mais carente da população brasileira; é uma entidade que rejeita os formalismos e ritos geralmente observados na obra educacional, evitando a burocracia e procurando aproximar-se do ideal de trabalho regido pela liberdade consciente.

No decorrer desse trabalho fabricante são comuns as lições de amor, as provas de heroísmo desinteressado, e o inusitado é inevitável. É claro que a maioria esmagadora dessas ocorrências perde-se no anonimato pela inexistência de registro sistemático, pela sua própria multiplicidade e pelas dificuldades de difusão em meios perdidos nos grandes espaços e vazios de nosso País. Mas algumas poucas chegam ao MOBREAL Central e aqui ficam, no Centro de Tecnologia Audiovisual, Pesquisa e Documentação (CETEP), como prova viva desta aventura humana que é o MOBREAL, cujos méritos só poderão ser avaliados corretamente dentro de 10 ou 15 anos, já então com o necessário distanciamento dos preconceitos e polêmicas que cercam um empreendimento pioneiro, desbravador e revolucionário.

Fizemos imprimir em nossa Gráfica esta modesta publicação como um incentivo no sentido de que acontecimentos pitorescos ou dotados de profundo teor humano nos cheguem mais regularmente. Mas, principalmente, com o sentido de homenagear a grande família do MOBREAL, unida pelo ideal da promoção do homem.



Arlindo Lopes Corrêa

S

ua Sabedoria de sua Igreja em Africa, Missões, ...
... e ...

A Comunidade Católica passou por ...

I – VISÃO RETROSPECTIVA DO PERÍODO 1974/78

... da ...

Seu Sebastião era já uma lenda em Arinos, Minas Gerais. Excelente alfabetizador, superava idade, pobreza, um defeito físico que o obrigava a usar muletas, superava tudo e alcançava as classes mais distantes e inacessíveis, obtendo sempre ótimos resultados.

A Coordenadora Estadual passava por Arinos, em sua rotina de supervisão. Chovia muito. A água e a lama, inundando tudo, como que se insinuavam pela sala adentro, onde se realizava uma reunião de alfabetizadores. As pessoas tristes e pobres, muito paradas, naquele ambiente cinzento e com cheiro de mofo, formavam um quadro tão pouco animador, que a Coordenadora, de hábito pessoa entusiasmada e bem falante, não sabia o que dizer. Súbito, inspirou-se:

— *Vocês são maravilhosos, em seu trabalho. Não há no mundo paga suficiente para o que vocês estão fazendo. Mas estão acumulando nas mãos de Deus uma grande riqueza. Ele está devendo muito a vocês, pelo que têm doado em renúncia, sacrifício e generosidade aos alunos do MOBREAL. Cobrem d'Ele, quando precisarem.*

Fez uma pausa, satisfeita. Correu a platéia com os olhos e distinguiu, na meia penumbra da sala, na última fila, a carapinha branca do Sebastião. Dirigiu-se a ele:

— *Não é isso, seu Sebastião?*

Sua resposta não foi exatamente a que ela esperava ouvir. Coçando a cabeça, muito sem jeito, mas resoluto, ele disse:

— *Não, dona. Eu não acho isso não. Eu não dou aula p'ra depois pedir nada p'ra Deus, não senhora. Eu tô é pagando. Ele me deu muito. Aprendi a lê e a escrevê. Agora, p'ra pagá, eu ensino p'ros outros que num sabe.*

E depois de uma pausa:

— *Ele num me deve nada. Eu é que devo.*

A Campanha Esporte para Todos promovia um jogo de vôlei, na quadra de um colégio de freiras, em Ananias; aliás, a única da cidade.

Juiz a postos, é autorizado o saque inicial. Quase simultaneamente, o alto-falante do colégio começa a tocar músicas, num volume altíssimo. Depois de esperar um pouco, e vendo que à primeira música se sucederam outras, todas no mesmo volume, o juiz interrompeu a partida, pois não conseguia nem que os jogadores ouvissem direito seu apito.

Um emissário procurou a Madre Superiora e lhe pediu para que desligasse o alto-falante. Mas recebeu a seguinte resposta:

— *Meu filho, sempre que tem jogo nós ligamos o alto-falante. É por causa dos palavrões...*

Um fazendeiro, do interior de São Paulo, ao tentar renovar sua carteira de motorista, não conseguiu fazê-lo — o delegado descobriu que era analfabeto. E lhe disse que só a renovaria quando ele lhe trouxesse um certificado de alfabetização do MOBRAL.

Não tardou para que sobre a supervisora de área desabassem vários pedidos para que o tal certificado fosse concedido graciosamente. Pressões de parentes, de amigos, de políticos, nada conseguiu que ela cedesse.

Sem outro remédio, mas muito a contragosto, o fazendeiro frequentou as aulas e alfabetizou-se.

Um dia, bateu na porta da casa da supervisora. Ao ser atendido, disse-lhe: — *Professora, eu vim lhe agradecer. Graças a senhora eu aprendi a lê e a escrevê. Só agora eu sei cumo foi bão, p'ra mim, aprendê a lê. Eu acho que não queria ir no MOBRAL de vergonha.*

Uma técnica da Coordenação Estadual do Ceará viajou de Fortaleza para dar um treinamento de educação integrada em Boa Viagem. Sua bagagem era volumosa, pois dela constavam cem manuais de orientação. A saída ocorria às nove horas da noite, e esperava chegar a seu destino por volta de meia noite, pouco mais.

Mas qual... No meio do caminho o ônibus parou e o motorista e quase todos os passageiros incorporaram-se a um grupo que, junto a algumas barraquinhas, num lugarejo qualquer, comemorava a festa de São Pedro. Duas horas depois, puseram-se outra vez a caminho e quando chegaram a Boa Viagem já eram quase três horas da madrugada.

Ninguém a esperava, e teve que arrastar sua pesada carga por mais de dois quarteirões, até a pensão. Quando conseguiu se deitar, estremunhada de frio, o céu já se tingia com as cores do alvorecer.

Não chegou a dormir nem três horas. A muito custo acordou, vestiu-se e procurou o local do treinamento. Como acordara tarde, nem tomou café. Assim mesmo, chegou atrasada quase meia hora. Mas ainda teve tempo de ouvir a frase cochichada por uma das participantes no ouvido de uma colega: — *Esse pessoal de cidade grande é assim mesmo. Num consegue acordã cedo...*

Numa das campanhas do Programa de Educação Comunitária para a Saúde um técnico do MOBRAL deu ênfase especial à água de beber. Era uma comunidade com alarmante índice de moléstias parasitárias e na qual a água disponível era de muito má qualidade.

Depois de muitos dias, conseguiu êxito em sua pregação — quase todos os moradores concordaram em comprar filtros para suas casas.

Passados dois meses, voltou àquela comunidade, e foi visitar seus antigos alunos. Qual não foi sua decepção quando, na primeira casa em que entrou, o chefe da família, muito orgulhoso, mandou retirar de dentro do armário o filtro “que o doutor havia mandado comprar”, para que ele pudesse beber água filtrada. Guardados como bens preciosos, os filtros eram destinados, como logo constatou em todas as casas que visitou, a servir água filtrada apenas às visitas mais importantes.

Recomeçou todo o seu trabalho, desde o princípio...

Na fazenda Macacos, município de Santa Quitéria, Ceará, morava Elias, desde que nascera. Filho de um peão da fazenda, cedo aprendeu a ajudar seu pai a tomar conta do gado que lhe cabia, do rebanho da fazenda. E foi numa dessas lides que aconteceu sua desgraça.

Certo dia, tentando localizar algumas cabeças que havia perdido, e sem possuir um cavalo de sela em que pudesse sair vaquejando, resolveu subir num poste de madeira, dos muitos que sustentavam a rede elétrica há pouco instalada, para ver se lá de cima enxergava seu gado. Sem conhecer quase nada relativo à eletricidade, tocou nos fios e foi fulminado por violenta descarga elétrica, que o derrubou do poste ao chão. Por muitas horas permaneceu desacordado, até ser encontrado por companheiros que o levaram para a casa da fazenda.

Num hospital, em Fortaleza, conseguiram salvar sua vida, mas não os seus dois braços, carbonizados pela violência da descarga.

De volta a Santa Quitéria, por muito tempo viveu às custas da família, impossibilitado que estava de exercer qualquer atividade em seu meio.

Mas Elias não era um qualquer. Na plenitude e no vigor de seus 22 anos, não se deixou abater. Um dia, soube que o MOBRAL procurava alfabetizadores. Como tinha cursado a escola primária até o quarto ano, apresentou-se. E apesar de não ter os dois braços, foi prontamente aceito. Logo era o melhor alfabetizador de Senador Tartunda, vila próxima à fazenda Macacos. Aprendeu a escrever com o lápis preso na boca, e também com os pés. E sua caligrafia é excelente.

Certa vez, entrevistado por um membro do MOBRAL Central, pronunciou a frase que pode ser usada como o resumo de sua existência:

— *Dizem que o Brasil precisa muito de braços, mas na realidade precisa muito mais de coragem, perseverança e boa vontade.*

Atributos que, certamente, Elias possui no mais alto grau. Ele continua lá, a ajudar ao nosso País e seu povo.

E

m 1975, o MOBRAL desenvolveu uma pesquisa para apurar o nível sócio-econômico de seus alunos.

A Coordenadora Estadual do Rio Grande do Sul devia entrevistar doze alunos, espalhados em área relativamente extensa e de difícil acesso, na região serrana do estado. Como não podia deixar de ser, no dia da pesquisa chovia torrencialmente.

Não tendo conseguido condução com a Prefeitura, tentou alugar um táxi. Mas ao saberem do destino, todos recusaram. Só a custo de muita conversa é que encontrou um que se dispôs a levá-la. E começou a sua via crucis.

As estradas estavam péssimas. O carro não rodava — deslizava. Até o meio da tarde, todos cobertos de lama; já haviam entrevistado dez pessoas. O décimo primeiro residia numa localidade ironicamente chamada Primavera, distante doze quilômetros. Para lá chegarem, tiveram de contornar um morro, numa picada estreita e cheia de curvas, que tinha de um lado a montanha e do outro, um abismo. Não havia como desistir, pois a estrada era tão estreita, que não podiam virar o carro.

Finalmente, chegaram a Primavera. Entrevistaram o aluno. Só faltava um.

Voltaram. A estrada, se isto é possível, estava pior na volta que na ida. Várias vezes o carro andou de lado, patinando na lama. Uma vez ele quase se despencou abismo abaixo, tendo ficado preso por uma pedra. Tiveram ambos de saltar, com muito cuidado, e puxar o carro com as mãos, de volta para a estrada.

Depois de muito padre-nossos e ave-marias conseguiram sair ilesos de Primavera.

O último entrevistado não estava em casa. Por informação, localizaram-no num velório. Como o morto não era parente próximo, ele foi gentilmente puxado para um canto, onde respondeu às perguntas do teste, num fundo de soluços, gemidos e fungadelas.

Chegaram à Coordenação já noite fechada, imundos, cansados e esfomeados. O motorista, que se mantivera estoicamente calado durante todas as ocorrências do percurso, abriu um sorriso meio sem jeito, ao ver a generosa recompensa a que tanto jus tinha feito, e comentou:

— *Quando eu toppei fazer o serviço p'ra senhora, bem que eu desconfiava que esse negócio ia dar em velório. Inda bem que não foi no nosso...*

Um técnico da Gerência de Mobilização corria o Sudoeste do Paraná, entrevistando-se com prefeitos para obter sua concordância em firmar os convênios de alfabetização funcional com o MOBRAL.

Em uma pequena cidade, sua tarefa não foi fácil. Não conseguia entender quase nada do que o prefeito dizia. É que ele procurava falar empolado, usando palavras difíceis, mas as pronunciava de um modo peculiar, acrescentando ou subtraindo sílabas. Por exemplo, em vez de dificuldade, dizia deficuldade.

Finalmente, depois de algum tempo de diálogo e de um penoso exercício de adivinhação, chegaram a um acordo. É claro que ele assinaria o convênio, e com muita satisfação. Afinal, segundo suas próprias palavras:

— *Eu fui analfabetizado e fiz educação inteirada no MOBRAL!*

Em Pesqueira, Pernambuco, foi inaugurado um posto do MOBREAL na Cadeia Pública. Apesar das dificuldades inerentes ao tipo de alunos, os trabalhos correram normalmente.

Um dos alunos, Edísio Cordeiro, que atendia pelo apelido de Galinha, sobressaía-se dos demais, por seu gênio alegre e comunicativo e por sua grande facilidade de aprendizagem. Com efeito, em pouco mais de dois meses já se podia considerá-lo alfabetizado.

Mas não se contentou com tão pouco. Conseguiu licença para frequentar o Curso de Educação Integrada, e dez meses mais tarde estava apto a se matricular no ensino regular de primeiro grau.

Em face do seu bom comportamento e do sucesso que obtinha nos estudos, conseguiu permissão para trabalhar de dia, recolhendo-se à cadeia apenas à noite.

Quando cursava a sexta série do primeiro grau, foi convidado pelo Presidente da Comissão Municipal para trabalhar no MOBREAL, como encarregado da área de apoio. E lá ficou Edísio Cordeiro durante dois anos, durante nos quais praticamente devorou todo o material existente no Posto Cultural.

Ao fim de dois anos teve sua pena comutada e regressou à cidadezinha de origem, no interior do estado. Se cumprir sua promessa, lá estará desenvolvendo intenso trabalho em favor do MOBREAL. Pois, como dizia:
— *A cadeia me curou do vício de beber. O MOBREAL me curou do vício da ignorância.*

Angelita, supervisora de área do MOBREAL, visitava uma classe na zona rural do município de Afrânio, alto sertão de Pernambuco. Qual não foi seu espanto quando, lá chegando, encontrou a alfabetizadora em trabalho de parto, cercada de uns poucos alunos, perplexos. Nem médico, nem parteira, nem mesmo uma comadre ou curiosa.

Diante da situação, não pensou duas vezes. Embarcou a alfabetizadora no carro da prefeitura, que a trouxera, e rumaram para a cidade mais próxima.

No meio do caminho, parou; talvez ajudado pelos solavancos da estrada, o parto realizou-se. Foi só o tempo de pararem e, à sombra de uma árvore, em pleno ermo, nasceu o menino, sem maiores complicações.

É claro que, meses depois, quando de visita da supervisora de área àquele município, realizou-se o batizado da criança. E a madrinha, é claro, foi ela.

Corria o ano de 1970. Eram pouco mais de vinte homens e mulheres, jovens e velhos. Em comum, apenas a pobreza imensa e o desejo de aprender a ler. Conseguiu-se uma alfabetizadora. Porém, por mais que procurassem, não conseguiram um lugar que os coubesse.

Os barracos pequenos, as famílias numerosas. Nem ao menos uma igreja, um clube, um salão, um galpão — nada. Era um lugarejo muito pobre.

Mas havia uma árvore imensa, com os ramos de tal modo entrelaçados, que sua copa impedia a passagem do sereno e da chuva.

E havia uma imensa vontade de aprender.

Pendurou-se o quadro-de-giz em um prego, cravado no tronco talvez milenar. Noutro prego, o cartaz, com a palavra geradora.

E à noite, cada qual trazendo seu próprio banco e sua lamparina, reuniam-se todos, mansamente, como um bando de vaga-lumes, debaixo da copa da árvore.

E no silêncio da noite, povoado apenas do barulho de grilos e sapos, ouvia-se um som novo, um cantochão formado pelo coro de professor e alunos:

— *Tijolo; ta, te, ti, to, tu; tatu; teto. Ti-jo-lo.*

Uma alfabetizadora do MOBRAL, logo após receber o seu material didático, procurou a supervisora de área e pediu-lhe um novo conjunto de cartazes. Explicou, meio sem jeito, que eles se haviam estragado. Não conseguiu, no entanto, dizer exatamente como, nem por que, de todo o material enviado, apenas os cartazes se haviam estragado. A supervisora estranhou, mas atendeu ao pedido. E logo esqueceu-se do caso.

Alguns meses depois é que solucionou o enigma. Convidada para visitar a residência da alfabetizadora, na realidade pouco mais do que uma casa de sopapo, com o chão de terra batida, viu os cartazes pendurados pelas paredes, ocultando as inúmeras fendas do reboco. Suas cores vivas, iluminadas pela chama bruxuleante de um lampião a querosene, funcionavam, naquele ambiente tão pobre, como alegre elemento de decoração.

Uma técnica do MOBRAL Central estava fazendo sua primeira viagem ao campo. Sua missão era a implantação do Programa Diversificado de Ação Comunitária, em municípios do interior da Bahia. Apesar do treinamento recebido, não podia esconder seu nervosismo, sua curiosidade. E se nada funcionasse? E se as coisas não dessem certo?

Muito mais tarde, já uma veterana de muitas campanhas, lembra-se com saudades de seus primeiros tempos no MOBRAL. Os incidentes, que então lhe pareciam tragédias irremediáveis, agora são, olhados através da luneta do tempo, apenas estórias pitorescas. Uma coleção de sucessos, pontilhada de uns poucos fracassos, é o acervo de experiências que, quando solicitada, transmite para os que, como ela há alguns anos, estão agora se iniciando no MOBRAL.

Neste desfiar de estórias, neste repassar de experiências, neste lembrar de acertos e erros, nunca deixa de citar seu maior fracasso — exatamente no sertão da Bahia, quando se iniciava no MOBRAL.

Era uma campanha de vacinação, para a qual a comunidade deveria ser motivada. Levou dias correndo as residências, falando com as pessoas, convencendo a todos.

No dia aprazado, um fracasso completo. Apenas umas poucas pessoas acorreram ao Posto de Saúde.

Não conseguia atinar por quê. Afinal, todas com quem falara haviam-se comprometido a comparecer. Por que teriam faltado?

Quem forneceu resposta para sua pergunta foi uma comadre, moradora no lugar há mais de meio século.

— *Virge Maria, dona. Ninguém foi tomá a tar de vacina, não. Pudera! Todo mundo sabe que quem toma fica possuído da Besta-fera! Cruz-credo!*

Djanira era supervisora de área em Caetés, Minas Gerais. No exercício de sua árdua tarefa, viajava muito. E passava muitas horas de sua vida nos bancos da rodoviária de Belo Horizonte, esperando a saída de seus ônibus, quase sempre atrasados. Alegre, comunicativa, não desperdiçava seu tempo. Procurava entabular conversa com quantos estivessem por perto, e seus assuntos preferidos eram o MOBRAL e o trabalho que realizava com tanto entusiasmo.

Foi numa dessas conversas que conheceu Alzira, que tomava conta da roleta da estação. E soube que ela era analfabeta. Procurou motivá-la para que procurasse um posto do MOBRAL, mas Alzira não possuía tempo disponível, embora sua vontade de aprender a ler e escrever fosse muito grande.

E, quase sem sentir, a supervisora passou a dar aulas para Alzira. Sempre que ao tomar o ônibus, procurava chegar com bastante antecedência à estação, e no meio do burburinho da rodoviária movimentada ensinava-lhe alguma coisa. Juntando a boa vontade de uma e a ânsia de aprender da outra, ao fim de algum tempo Alzira estava alfabetizada.

Hoje, Alzira é motorista de táxi em Belo Horizonte. Conseguiu ser aprovada nos exames do DETRAN. Só o que não se sabe é como aprendeu a dirigir. Certamente através de um processo um pouco mais ortodoxo do que aquele que utilizou para aprender a ler.

Depois de muito argumentar sem sucesso, a supervisora de área descobriu o modo de motivar seu Paulo a matricular-se no MOBRAL. O que fez, finalmente, ele resolver-se, quebrando uma resistência sólida, foi a possibilidade de tornar-se eleitor, uma vez alfabetizado.

Terminado o curso, a supervisora sentiu-se na quase obrigação de ajudar seu Paulo a obter o tão almejado Título de Eleitor. Minas Gerais ganhava mais um cidadão no pleno exercício de seus direitos políticos.

Nas proximidades da primeira eleição, depois que seu Paulo se tornara eleitor, a supervisora encontrou-se com ele, na rua. E travaram o seguinte diálogo:

- *Bom dia, seu Paulo. Então, agora o senhor pode votar, não é?*
- *É mesmo dona.*
- *Está contente, seu Paulo?*
- *Muito, né?*
- *E em quem o senhor vai votar, seu Paulo?*

E ele, franzindo a testa, a fisionomia muito séria, na demonstração de que estava realmente imbuído da seriedade e da importância de ser um eleitor:

- *Uai, dona, a senhora não sabe que o voto é secreto?*

A Coordenação Estadual do Rio Grande do Sul recebeu uma carta de um menino de doze anos. Nela ele dizia ser aluno da quinta série do primeiro grau, e que um de seus maiores desgostos era ter de, todo mês, devolver o boletim escolar sem a assinatura do pai ou da mãe, pois eram ambos analfabetos. Mas isso, a partir daquele mês, não aconteceria mais, pois seu pai havia-se alfabetizado no MOBRAL e, pela primeira vez em sua vida, assinava seu boletim.

Achava-se, pois, na obrigação de agradecer ao MOBRAL. E prometia tentar fazer com que sua mãe, no futuro, também procurasse o MOBRAL.

Antônio Gomes é motorista de caminhão, a levar seu cavalo sem cabeça pelas estradas deste imenso Brasil. Seu caminhão é seu orgulho — os metais polidos, a pintura sem um arranhão, as buzinas inconfundíveis, e um jogo de luzes que o transforma, à noite, numa árvore de Natal a deslizar pelo asfalto. E, como não podia deixar de ser, nos guarda-lamas das rodas traseiras, pintadas a capricho, duas frases:

“Não quero mais aquela ingrata que envenenou meu coração com a falsidade de seu amor.”

“Se você é homem de bem e não quer fazer o mal, encaminhe quem não sabe ler para o MOBREAL”.

Nas raras ocasiões em que Antônio Gomes desce de seu caminhão, para almoçar ou jantar, é possível conversar com ele, grande papo que é, e fazê-lo desfiar histórias de sua vida errante pelo mundo. Sobre as duas frases pintadas em seu guarda-lamas, no entanto, seu comportamento é totalmente diferente.

Sobre a primeira frase, ele decididamente não fala. Não quer relembrar tristezas de um passado que ele faz questão de esquecer.

Sobre a segunda, no entanto, fala com prazer. E a quantos lhe queiram ouvir, narra, com riqueza de detalhes, que foi menino pobre, faxineiro, entregador de compras, e analfabeto. Que aos dezesseis anos encontrou o MOBREAL, aí se alfabetizou, fez o curso de educação integrada, tirou carteira de motorista e, à custa de muito sacrifício, é hoje dono daquele caminhão que está parado logo ali.

Não sabemos quando sua voz denota maior orgulho — quando fala de seu caminhão, ou quando fala do MOBREAL.

Rio de Janeiro, por volta de 1975.

Um rapaz chega no Posto do MOBRAL, com um jeito alegre, decidido, e vai logo falando:

— Olha, eu queria falar com a professora de leitura. Eu quero aprender a ler.

Em dois meses o rapaz já se revelara um dos alunos mais aplicados de sua turma. Aprendizado tão rápido a professora nunca tinha visto. Curiosa, resolve perguntar ao rapaz qual o seu segredo:

— *Não é nada não, professora.*

— *Você é pedreiro, não é?*

— *Ajudante-de-pedreiro, dona.*

— *É porque eu estou impressionada com a rapidez com que você aprende as coisas.*

— *É, a precisão faz o homem.*

— *Ah, então é o emprego que está te exigindo?*

— *Olha, mais dia menos dia eu ia precisar de ler e escrever para melhorar de vida, mas a pressa não é por isso, não.*

— *Então é por que?*

— *Olha, é segredo, mas eu vou lhe contar. É que eu tenho um samba p'ra Escola, esse ano. Mas não queria passar o vexame de pedir a um amigo p'ra assinar p'ra mim, na hora da inscrição. Ia tirar minha moral, na frente da comissão. A senhora sabe como é que é...*

O samba tirou terceiro lugar, três meses depois. E o Brasil ganhou mais um alfabetizado.

E

sta estória não tem uma origem definida. Ela circula em várias classes de alfabetização do Nordeste, principalmente do interior do Piauí.

Noite escura, chuva fortíssima, ventania. Relâmpagos e trovões assustadores. Nada disso impede que uma aluna saia de sua casa. Três quilômetros de um caminho difícil — um riacho de permeio, são os obstáculos entre ela e seu destino — o posto do MOBRAL. A tudo vai vencendo, com muita dificuldade. Mas ao chegar ao riacho, encontra-o engrossado pela enxurrada e não consegue atravessá-lo.

Decide voltar. Mas um raio atinge uma árvore gigantesca que cai, cortando com seus galhos o caminho para sua casa. Assustada, sem saber o que fazer, encolhe-se junto a um barranco, totalmente encharcada.

Eis que na luz de um relâmpago aparece a figura de um cavaleiro, todo vestido de couro, montado em magnífico cavalo negro. Dirige-se a ela, com voz mansa, mas que supera todo o fragor da tempestade:

— *Vai p'ra onde, dona?*

— *Vou p'ra aula do MOBRAL, sim sinhô. Mas o rio encheu e eu não passei.*

— *Quer uma carona? Suba aqui na garupa.*

E estendeu-lhe o braço, alçando-a com facilidade para cima do cavalo. Ladearam o rio montados e logo chegaram ao posto do MOBRAL, onde a aula já havia começado. A moça apeou e quando ia agradecer nem teve tempo, pois o cavaleiro logo se afastou, perdendo-se na noite. Até hoje não sabe quem lhe deu aquela carona providencial.

No início do funcionamento do MOBRAL, um dos maiores trabalhos que se desenvolveu foi a conscientização dos Governadores, Secretários de Educação e Prefeitos, para a erradicação do analfabetismo no Brasil, através do mais ambicioso programa de massa até então tentado. A colaboração dessas autoridades era decisiva para o êxito do Movimento, pelo que se deslocaram técnicos de alto gabarito, do Mobral Central, para entrevistar-se com elas.

Yolanda viajava para estados do Norte e Nordeste, onde deveria fazer palestras para grupos de Prefeitos. Ia preocupada com a importância de sua missão e não desejava falhar. Por isso, aproveitava-se da longa viagem de avião para repassar as transparências com as quais iria ilustrar sua palestra.

Aqueles plásticos transparentes, cobertos com desenhos e letras coloridas, chamaram a atenção de seu vizinho de viagem, que depois de os contemplar durante algum tempo com incontinida curiosidade, puxou conversa e passou a fazer perguntas diretas sobre eles.

A princípio aborrecida, por ter de desviar sua atenção do que fazia, Yolanda logo percebeu que poderia usar seu curioso vizinho como cobaia — e praticamente fez para ele a palestra completa. Sua audiência, embora numericamente limitada, compensava esta deficiência com uma atenção concentrada, que se manifestou em perguntas pertinentes e interessadas.

Ao término da viagem, Yolanda agradecia aos céus lhe terem enviado aquele companheiro de viagem.

Y

olanda, a mesma técnica do MOBRAL personagem de nossa estória anterior, ia realizar mais uma de suas palestras de divulgação do MOBRAL. Desta vez sua audiência era o Secretário de Educação de um estado do Nordeste, e membros de sua Secretaria.

Qual não foi sua surpresa quando, introduzida no Gabinete do Secretário, nele reconheceu o seu interessado e atento companheiro de viagem, dois meses antes, no avião que a levaria ao início de sua peregrinação.

Não foi necessário muito esforço para obter mais um importante aliado para a causa do MOBRAL.

Afinal, já eram velhos conhecidos...

Em Campina Grande, na Paraíba, realizava-se a cerimônia de encerramento de um curso de Arte Culinária, do Programa de Educação Comunitária para o Trabalho, do MOBREAL. Para presidir os trabalhos havia viajado para lá um técnico da Coordenação Estadual. Feitas as apresentações, e desejando colocar a monitora, muito nervosa, mais à vontade, dirigiu-lhe a palavra:

— *Então, como foi o curso?*

— *Bom, né?*

— *Os alunos, gostaram?*

— *Gostaram, né?*

— *A senhora teve problemas de evasão?*

— *Não, senhor, de evasão, não, né?*

E depois de um silêncio embaraçoso:

— *O que atrapalhou um pouco foi que saiu muita gente do curso, né?*

Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, a alfabetizadora utilizava, para motivar sua turma, o método de levar os alunos a refletirem sobre temas subjetivos, como a importância da alfabetização para a realização profissional de cada um, como melhorar o nível de vida da comunidade através do estudo, e outros.

Um dia, o assunto era simplesmente a vida. O que é a vida? O que é viver?

Um senhor já idoso, certamente com mais de sessenta anos, permanecia calado durante toda a discussão, mas acompanhando-a com os olhinhos muito atentos e brilhantes. A professora dirigiu-se a ele:

— *E o senhor, seu Quim, o que é que acha de tudo isso?*

E a resposta praticamente encerrou a discussão do tema.

— *Olha, dona, só agora entendi o que é viver. Não viver só, que eu já vivi muito. Mas com os outros é que é bom, vivendo todo mundo a vida de todo mundo, numa vida só.*

Dona Nélia, alfabetizadora do MOBREAL no interior do Estado do Rio, estava tendo dificuldades com seu grupo. Todos morando muito longe, época de chuvas torrenciais, a frequência não ia nada bem, o que se refletia no aproveitamento dos alunos.

Certa noite em que devia apresentar a palavra geradora banana, descobriu que o cartaz estava imprestável, todo molhado pela chuva que vazara por uma goteira do telhado. Não teve dúvidas — substituiu o cartaz por um cacho

Certa noite em que devia apresentar a palavra geradora banana, descobriu que o cartaz estava imprestável, todo molhado pela chuva que vazara por uma goteira do telhado. Não teve dúvidas — substituiu o cartaz por um cacho de bananas maduras, e descobriu que a motivação do pequeno grupo que tinha enfrentado o mau tempo era muito maior do que normalmente. E tão animada e proveitosa transcorreu a aula que, quando terminou, as bananas foram todas comidas pelos presentes.

Na aula seguinte, o número de alunos era bem maior — a história do cacho de bananas tinha se espalhado e todos os gulosos haviam comparecido, na expectativa da repetição do acontecido.

Dona Nélia não teve mais problemas de frequência, em sua turma. Em compensação, tem dado tratos à bola para conseguir as guloseimas correspondentes às palavras geradoras que usa.

E os alunos estão ansiosos, esperando o dia em que a professora irá ensinar a escrever feijoada...

A Supervisora de Área Regina, em Dores do Turvo, Minas Gerais, tentava convencer a uma ex-aluna do MOBRAL, que não conseguira se alfabetizar, a novamente se matricular no curso:

— A senhora precisa se matricular outra vez, D. Joana. A senhora não gostou do curso?

— Gostei muito, sim senhora. E vou fazê o outro, quando tivê.

— Ótimo, D. Joana. Quem sabe dessa vez a senhora aprende tudo direitinho e tira seu diploma?

— Olha, dona. Se eu não tirá, num faz mal não. Depois de perdê dois filho do mal de sete dia, aprendi no MOBRAL a curá imbigo. Agora sei. E já tive uma filha que vingou. Se eu não tirá o diploma, num faz mal, não senhora.

Em todo início de curso a que comparecia, a supervisora estadual indagava de cada aluno o que o levava a frequentar o MOBRAL. Certa vez uma rapariga muito bonita, de seus vinte e poucos anos, lhe disse:

— *Olha, moça, eu sou casada de pouco e meu marido volta e meia chega em casa com uns bilhetinhos no bolso; como eu não sei ler, fico desconfiada e com ciúme. Aí, eu resolvi aprender a ler.*

Por coincidência, a supervisora, meses depois, compareceu à mesma classe, na cerimônia de entrega dos diplomas. E lembrou-se do ocorrido, ao rever a rapariga. E perguntou-lhe:

— *Como é, aprendeu a ler?*

— *Aprendi, sim senhora.*

— *E resolveu seu problema com seu marido?*

— *Resolvi não senhora. Agora que ele sabe que eu já sei ler, os bilhetes sumiram. E eu estou mais desconfiada do que nunca!*

José Antônio morava num casebre, à beira da Rio-Bahia. Analfabeto, tirava seu sustento de uma roça minúscula, que cultivava com técnicas grosseiras, e de pequenos biscates que fazia para os moradores da vizinha cidade de Caratinga. Sem ambição, esperava o tempo passar, na aceitação pacífica de sua condição econômica e de sua ignorância.

Um dia, um grupo de operários montou um gigantesco *out door*, no lado oposto da estrada, no alto de uma pequena colina. O cartaz, de um colorido vibrante, deslumbrou José Antônio, que o via de qualquer lugar de sua minúscula propriedade. Ele mostrava um carro azul, com passageiros sorrindo, fazendo uma curva na estrada que cortava densa mata tropical. Na parte de baixo do cartaz havia uma frase, de menos de dez palavras.

E José Antônio não sabia o que diziam as palavras do cartaz. Orgulhoso, era incapaz de perguntar a algum vizinho ou amigo, de pedir para que alguém lesse para ele os dizeres do cartaz.

Durante alguns meses aquele cartaz se constituiu no ponto de referência de José Antônio, que olhava para ele dezenas de vezes por dia. E sempre aquelas letras, a desafiar sua curiosidade.

Um dia, decidiu-se. Procurou um posto do MOBREAL, onde encontrou aquela alfabetizadora que já tantas vezes tinha procurado interessá-lo na alfabetização, sem sucesso. Dirigiu-se a ela:

— *Moça, eu quero aprendê a lê.*

— *Muito bem, seu José Antônio. Afinal, o senhor se resolveu. Que ótimo!*

— *Olha, dona. Num fui eu que me resolvi, não senhora. Foi aquele maldito cartaz. Nem que leve um ano, nem que leve a vida toda, eu inda vou lê aquele cartaz...*

Seis técnicos do Setor de Pesquisas, do MOBRAL, deviam aplicar um questionário a alunos de Alfabetização Funcional de várias classes do município de São João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro. Como essas classes ficavam espalhadas por lugares bastantes distantes um do outro, pediram auxílio ao Prefeito local, que prometeu atendê-los. Com efeito, no dia e hora apazados, na porta do hotel em que se hospedavam, apareceu o carro fúnebre da Prefeitura, para conduzi-los às classes.

Após uma reunião de emergência, os técnicos resolveram que só utilizariam tão insólito meio de transporte em último caso. E rumaram todos para a casa do Prefeito, decididos a convencê-lo a trocar a viatura oferecida.

O Prefeito recebeu-os bem, mas alegou que não dispunha de outro veículo. Ou usavam o coche funerário, ou iam a pé.

Depois de muita discussão, muita argumentação, finalmente conseguiram que a autoridade municipal trocasse sua oferta inicial.

Mas não puderam rejeitar o substituto do coche. Em vez do negro carro fúnebre, viajaram todos na alva ambulância que viera substituí-lo.

Alfabetizadora dava a primeira aula do curso. Para quebrar o gelo, fazia com que cada aluno falasse alguma coisa de si, de sua vida, de seus parentes e amigos. E perguntava a todos por que motivos procuravam o MOBRAL para se alfabetizarem. De todas as respostas, a mais curiosa foi a de um caboclo já maduro, com os olhinhos muito pequenos e vivos:

— *Olha, dona. eu vim p'ro MOBRAL p'ra aprender a ler. P'ra poder conhecer bem as placas. A senhora já pensou se eu não souber ler, e seguir a placa errada, depois de morrer? Possi ir parar no Inferno!*

Ao encerrar seus cursos de alfabetização funcional em 1972, a Comissão Municipal de Belo Horizonte promoveu uma solenidade de entrega de certificados dos alunos. Realizada no Ginásio do Minas Tênis Clube, a ela compareceram várias autoridades e um público que lotava completamente as arquibancadas.

Apresentava-se a fanfarra do Colégio Municipal de Belo Horizonte. À sua frente uma baliza, garota linda, de seus dezesseis anos, executava uma coreografia graciosa, da qual faziam parte gestos com os braços esticados, como se estivesse abraçando todas as pessoas presentes.

Entusiasmados com a apresentação, os alunos e seus familiares, que já aplaudiam bastante, passaram a agitar pequeninas bandeiras brasileiras que traziam consigo. Era como que uma forma de retribuir aos abraços da baliza.

O clima de delírio era indescritível. E, num dado momento, a menina não resistiu. Parou suas evoluções, e prorrompeu em soluços, num choro alto e convulsivo. Sem condições para continuar, apenas atirava beijos para o público, que continuava a aplaudir e a agitar suas bandeirinhas.

A maioria das autoridades presentes estava habituada a comparecer a solenidades. E a suportar estoicamente seu desenrolar monótono. Mas naquele dia, naquela formatura do MOBREAL, os olhos de muitas delas se encheram de lágrimas.

Quando uma classe de alfabetização funcional do MOBRAF apresenta problemas de baixa frequência, o supervisor de área ou o supervisor estadual procuram verificar as causas, para encontrar soluções que resolvam o problema. De um modo geral, pequenos acertos de horário, uma ênfase maior na motivação, a mudança de local da classe, ou coisas deste tipo, são suficientes para fazer tudo voltar à normalidade. Raras vezes, no entanto, o problema é mais sério e exige uma solução mais drástica ou, até mesmo, não tem solução.

Foi o caso daquela classe situada em lugar ermo, na zona rural de um município pobre, no interior da Bahia. Os alunos começaram a rarear até sumirem de vez, e a classe foi fechada.

Ninguém conseguiu dar jeito no Lobisomem que andava assombrando alunos e alfabetizadora...

Santos, São Paulo. Dona Marina, Presidente da Comissão Municipal do MOBRAL, assina mais um ofício. Quase todos os ofícios que assina são para pedir alguma coisa — a cessão de uma sala, a divulgação de um programa, o comparecimento de uma autoridade a uma entrega de diplomas, o empréstimo de uma viatura... Tanta coisa! Sempre pedindo, na ânsia de cumprir sua espinhosa tarefa.

Mas dona Marina sorri. Desta vez seu ofício não pede nada. Pelo contrário, ele oferece. Ele dá.

Ele encaminha quarenta e seis fichas correspondentes a quarenta e seis alunos e alfabetizadores do MOBRAL, que se ofereceram voluntariamente como doadores de olhos para o Banco de Olhos da Baixada Santista. Serão quarenta e seis cegos que terão uma oportunidade de recuperar a visão. Habituada a lutar contra as trevas da ignorância, dona Marina abre uma nova frente, contra as trevas da cegueira.

E desta vez não pede nada. Ela dá.

Por ocasião dos trabalhos de mobilização realizados no município de Ibiapina, Ceará, o vigário local entusiasmou-se com o problema e ajudou muito na divulgação e esclarecimento do povo. Para isso usava seu púlpito, onde, em seus sermões, nunca deixava de fazer uma alusão ao problema do analfabetismo.

Certo dia, contou a seus paroquianos uma história, na qual dizia que em alguns países do mundo os analfabetos possuíam uma carteira de identidade própria, que funcionava quase como uma "carteira de doido".

De outra feita, disse que o problema do analfabetismo, no Brasil, só seria resolvido quando o governo criasse um imposto para os analfabetos.

Estas histórias se espalharam pelo município e como quem conta um conto acrescenta um ponto, foram adquirindo contornos fantásticos. Dizia-se que o padre assegurava que os analfabetos iriam virar bestas de carga, que passariam a se alimentar de capim e que iriam pagar impostos altíssimos.

Certa vez uma alfabetizadora localizou um analfabeto, um preto bastante idoso, e que alguns diziam ter sido escravo. Sem muita esperança, mas cumprindo o seu dever, convidou-o para se alfabetizar no MOBREAL. E recebeu a seguinte resposta:

— *Ora, dona, eu num vou não. Já tô muito vêio p'ra isso. Até já tô engordando um bacurim, p'ra pagá o tar de imposto do padre. Mas p'ra escola, num vou nem qui seja aos pedaço.*

Pouco depois da implantação do MOBRAL, seu nome já se havia espalhado pelos quatro cantos do país. Seguramente porque respondia a um anseio da imensa maioria dos brasileiros, em muito pouco tempo ninguém desconhecia aquela pequena palavra de seis letras — MOBRAL.

Mas houve algumas interpretações errôneas. Como a daquele voluntário de algum lugarejo remoto, que nos escreveu, num oferecimento generoso e comovente:

— *Senhor MOBRAL. Quero trabalhar com o senhor. Confio no seu trabalho e nos seus objetivos...*

Seu oferecimento, certamente, não foi recusado.

Em Uberaba, Minas Gerais, o Dr. Whady Lacerda, supervisor de área do MOBRAL, visitava uma classe de alfabetização. E conversava com a alfabetizadora e com os alunos, para sentir seus problemas, suas motivações, e acumular experiências para seu trabalho futuro.

O diálogo mais interessante que travou foi com dona Júlia, viúva de quase sessenta anos, sacudida, extrovertida, mãe de seis filhos.

— *A senhora está gostando de estudar, dona Júlia?*

— *Muito, doutor. O MOBRAL é ótimo!*

— *E por que a senhora custou tanto a nos procurar, dona Júlia?*

— *Olha, doutor, eu antes num tinha tempo, não; tinha que trabalhã o dia inteiro, na falta do falecido, p'ra criá meus filho. Agora que já tão tudo criado, eu vim estudã no MOBRAL.*

— *Muito bem, dona Júlia. E a senhora nunca sentiu falta de saber ler, escrever?*

— *Olha, doutor, antes eu nunca tinha sentido, não. Mas agora, com três filho meu fora de Uberaba, eles me mandavam carta e eu tinha que pedi p'ros outro lê e respondê. Aí, sim, eu senti falta. Agora, quando chega uma carta eu leio ela sozinha, devagarinho, e torno a lê até decorá. E depois respondo. Sozinha.*

M

uitos são os motivos que podem levar um adulto a querer se alfabetizar. Um senhor, de aproximadamente sessenta anos, confidenciou à Coordenadora Estadual do Rio Grande do Sul:

— Sou aposentado do INAMPS, por problemas cardíacos. Era analfabeto, o que me causava muitos problemas para receber minha pensão. Eu tinha que assinar uma guia de recebimento, no banco, todo mês. E eu sentia uma vergonha danada, quando o caixa me entregava a almofada para eu molhar o dedo. Tinha sempre um monte de gente perto e todo mundo esticava o pescoço, p'ra ver.

Mas agora não tem mais disso. Queria que a senhora visse a cara do caixa, quando ele me entregou a guia e a almofada e eu devolvi a almofada e assinei a guia com letra corrida.

Olha, dona, foi o dia mais feliz da minha vida.

Na ânsia de localizar os analfabetos, para poder atraí-los para a alfabetização, os Coordenadores Estaduais do MOBREAL usam sua imaginação e criam processos, a maioria dos quais se revela frutífera; alguns, no entanto, falham.

Foi o caso de Roraima. Urnas foram espalhadas pela cidade de Boa Vista, e foi feita uma campanha para que quem conhecesse um analfabeto colocasse seu nome e endereço nas urnas. O MOBREAL se encarregaria de procurá-los.

As urnas recolheram de tudo — cédulas, moedas, crucifixos, amuletos, pentes, bilhetes, lápis, cadernos, o diabo. Nomes e endereços de analfabetos, muito poucos.

A respeito, o Coordenador Territorial ouviu o seguinte comentário de um funcionário da Coordenação:

— *Mas é claro que não tinha endereço nenhum. Analfabeto não sabe escrever!*

A Coordenação Territorial do Amapá estava em grande agitação — preparava-se para, no dia seguinte, ser a sede do encontro de alfabetizadores do território. O Coordenador, no meio da manhã, confere mais uma vez a lista de participantes e descobre que faltava uma região, das mais importantes do território. Tenta comunicar-se com ela por telefone, mas nada consegue. Pensa em mandar um mensageiro, mas todos estão ocupadíssimos. Além disso, teme que sua mensagem não seja bem compreendida. E decide ir pessoalmente.

São onze horas da manhã, uma linda manhã de céu azul, quando o Coordenador e a Supervisora Territorial embarcam na rural da Prefeitura. Esperam chegar a seu destino cerca de quatro horas da tarde e estar de volta antes da meia-noite.

Mas qual! O bom tempo transformou-se em temporal. As estradas encheram-se de lama, e a rural, já na volta, atolou de tal modo, que não foi possível retirá-la. Seus ocupantes passaram a noite ao relento, encharcados, esfomeados e devorados por milhões de borrachudos.

Só na manhã do dia seguinte passou o ônibus da linha, que os desatolou. Seu motorista, muito gentil, ainda ofereceu-lhes gostosos mamões, com que aliviaram um pouco sua fome.

Conseguiram chegar de volta a Macapá a tempo de presidir a cerimônia de abertura do encontro. Mas tiveram de repetir, dezenas de vezes, sua história, para explicar aos participantes o porquê daquelas caras inchadas e olheiras fundas...

A Coordenação Estadual de Minas Gerais constituiu um grupo, formado por quatro Supervisores de Área, dos mais eficientes do estado, para viajarem pelo interior, num reforço à campanha de mobilização para o Programa de Alfabetização Funcional. Sua missão era sensibilizar as comunidades para que apoiassem o MOBRAL e, ao mesmo tempo, arregimentar os analfabetos para as classes de alfabetização.

Em cada cidade que chegavam, sua primeira incumbência era conseguir a atenção dos moradores para suas mensagens. E se utilizavam de todos os recursos disponíveis, para isso — cartazes, divulgação pelos sistemas de alto-falantes e das rádios locais, espetáculos de música que organizavam, jogos, competições, festas regionais, em suma, tudo o que pudesse ser usado com sucesso.

Um dia, em Malacacheta, conheceram o palhaço Policarpo. Há muito aposentado, apesar de sua avançada idade prontificou-se a ajudar o MOBRAL, encenando uma peça que, segundo ele, fazia sempre muito sucesso no interior, quando montada nos picadeiros dos vários circos em que trabalhara. Era uma história muito simples, em que um rapaz, analfabeto mas muito inteligente, ludibria um “coronel” e um advogado, apesar de todo o saber e de toda a cultura dos “doutores”.

Os Supervisores ficaram encantados com a sugestão. Sem dúvida, a peça seria um sucesso. O palhaço Policarpo concordou em participar do espetáculo, graciosamente. Mas havia um empecilho — e os outros três personagens, quem os representaria?

No dia marcado, a peça foi levada a cena, com o sucesso de sempre. O palhaço Policarpo reviveu seus dias de glória, e novamente foi saudado pelos aplausos carinhosos do público.

E os três Supervisores de Área do MOBRAL estrearam como atores de circo. Talvez suas apresentações não tenham tido o brilho desejado — mas certamente renderam muito em mobilização para o MOBRAL.

Diamantino é um município enorme, do Estado de Mato Grosso. Mesmo depois de desmembrado de Porto dos Gaúchos, continuou enorme. Nele desenvolve seu trabalho a Supervisora de Área do MOBREAL, dona Niva Matos de Oliveira. Além das dificuldades normais no interior do Brasil — estradas em péssimo estado, pontes em ruínas, rios que transbordam, mosquitos, ignorância e desconhecimento das populações isoladas, problemas de posse de terra, subnutrição, e tantos mais — tem uma área imensa sob sua jurisdição, pela qual as populações se distribuem de maneira irregular.

Para atingir todos os lugarejos de sua supervisão, Niva utilizava qualquer meio de condução disponível. Um dos mais úteis é o valente jipe Toyota, da Prelazia. E era justamente nele que Niva saía para mais um giro de supervisão, aproveitando a viagem que o bispo ia fazer, nos trabalhos de Pastoral. Seu objetivo era a gleba Massapé, distante 350 quilômetros da rede do município.

Próximo ao seu destino, depararam uma ponte caída. O bispo mudou de rumo, e Niva resolveu seguir a pé mesmo.

Lá chegando, passou a realizar seu trabalho, de rancho em rancho, orientando uns, consolando outros, admoestando, vencendo resistências, desconfianças; procurava levantar o número de analfabetos existentes e aproveitava a oportunidade para divulgar um curso para parteiras, a se realizar na sede do município.

Quando já quase chegava ao extremo do povoado, ouviu uma bulha e viu um grupo de pessoas que corriam para ela. À frente do bando vinha um caboclo, gritando:

— *Donana tá passando mar! Acode, siá dona do Mobrâ! Donana pode intê morrer!*

Depois de muita confusão, conseguiu saber que Donana era sua mulher, e

que estava em trabalho de parto. Pior, já havia perdido dois filhos, antes.

Niva procurou explicar que não era parteira, que não entendia de partos, mas o homem, desesperado, não entendia. E começou a achar que ela não queria acudi-lo por má vontade. Passou de suplicante a agressivo, e berrava, segurando o cabo da peixeira que trazia à cintura:

— *Se a senhora não fô, vai tê, vai tê!...*

Niva nem teve escolha. Foi literalmente carregada pelo povaréu para a casa onde se encontrava Donana. Lá dentro encontrou a pobre mulher encostada num canto, apavorada, sofrendo muito, mas calada. Rangia os dentes, para não gritar.

Diante do inevitável, Niva ficou calada e passou a agir. Viu logo que o principal era acalmar a mulher e, juntas, puseram-se a rezar para Nossa Senhora do Bom Parto. A natureza fez seu trabalho e nasceu, sem maiores complicações e real participação da improvisada parteira, uma menina, muito magrinha, mas aparentemente saudável. Desajeitada, cortou-lhe o umbigo e amarrou-o, com o pano mais limpo que encontrou.

Quando a notícia chegou à rua, foi uma alegria geral. Foguetório, vivas, o pai em lágrimas. Teve até de engolir uma cachaça, para não fazer desfeita. Apareceram uns músicos e improvisou-se uma folia. A custo conseguiu recusar-se a ser a madrinha da recém-nascida. Mas teve de escolher seu nome, que foi Niva, na falta de outro melhor.

Naquela localidade, o MOBREAL nunca mais teve dificuldades — para ele todos os caminhos estavam abertos.

E de volta à sede do município, dona Niva foi a primeira pessoa a se matricular no curso para parteiras — afinal, nunca se sabe o que pode ocorrer...

Uma Supervisora de Área visitava uma classe de alfabetização, no Rio Grande do Sul. Lá chegando, encontrou um menino de cerca de dez anos, entre os alunos. Como não era desejável que uma criança frequentasse uma classe do MOBREAL, procurou dialogar com ele para, quem sabe, remetê-lo a alguma escola da rede regular de ensino.

Inicialmente muito inibido, o menino não tardou a se mostrar mais loquaz e contou que ele não era aluno. Sua mãe, sim, é que estava matriculada. Mas seu pai bebia muito e toda vez que chegava em casa bêbado, não deixava sua mãe sair para a aula. Então ele vinha e depois levava para ela tudo o que tinha sido ensinado.

Sua mãe, ao final do curso, obteve o diploma. E seu filho estava presente, orgulhoso, na festa de entrega. Afinal, ele tinha sido parte importante na aquisição daquele diploma...

Em Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, o grande sonho dos alunos da classe de Alfabetização Funcional de dona Angelita, era participarem do desfile da Semana da Pátria.

Mas era muito difícil concretizar este sonho — não havia iluminação, à noite, para treinarem; tinham receio de ser agredidos pelos desocupados e vadios; e não possuíam instrumentos.

Mas dona Angelita não era do tipo que desiste facilmente. E na parada de Sete de Setembro lá estava a classe do MOBREAL, a primeira a desfilar na parada.

A Coordenadora Estadual, ciente das dificuldades, perguntou-lhe como pudera superá-los. Sua resposta foi simples, como se tudo tivesse acontecido naturalmente:

— *Bom, não tinha luz elétrica, nós ensaiamos nas noites de lua; não tinha segurança, mas nós conseguimos para instrutor um ex-soldado da Polícia Militar, muito conhecido e respeitado no lugar; e os instrumentos, a senhora viu.*

Ela realmente tinha visto — latas de lixo, latas de óleo, com cabos de vassoura cortados servindo de baquetas. O que não diminuiu nem um pouco o garbo da apresentação.

Um técnico do MOBRAL encontrava-se em um pequeno município do interior do Rio Grande do Sul, desenvolvendo atividades de implantação do Programa Diversificado de Ação Comunitária. Natural do Rio de Janeiro, homem de formação universitária, achava muita graça nos usos e costumes locais e se esforçava para que sua opinião não transparecesse, o que poderia ofender aquela gente simples e pôr a perder todo o seu trabalho de mobilização.

Um dia, os habitantes de um dos distritos rurais do município resolveram se unir, em mutirão, para abrir um poço que servisse à comunidade. Era um triunfo importante para seu trabalho e, por isso mesmo, evitou interferir quando um dos participantes apareceu com uma forquilha de pessegueiro e pôs-se a procurar o lugar onde deveria ser aberto o poço. É claro que temia pelo resultado da experiência, tão pouco ortodoxa. Preferiria determinar, ele mesmo, e com base no relevo da região, o local onde furar o poço.

Seus temores aumentaram quando o tal ramo de pessegueiro apontou para um local totalmente impróprio. Pensou em intervir, pois um poço seco poderia desestimular o grupo a cavar outro. Mas, diante da certeza e do entusiasmo dos participantes, não encontrou como fazê-lo.

O poço deu água.

E o técnico aprendeu a confiar um pouco mais nos conhecimentos empíricos daquela gente simples. Mesmo quando eles contrariam os conhecimentos "científicos" que aprendera na cidade grande.

No município de Amapá, no Território do mesmo nome, realizava-se em 1973, o primeiro seminário das comissões municipais do Território. Para representar o MOBRAL Central, seguiu do Rio de Janeiro um técnico da Gerência de Mobilização.

Sua viagem não foi das mais tranquilas. Depois de um vôo atribulado, chegou a Belém às três horas da madrugada, seguindo às seis e meia para Macapá. No aeroporto, um jipe os esperava e eles embarcaram imediatamente, para percorrer estrada de péssima qualidade, onde o barro e a lama se alternavam com trechos mais sólidos, porém completamente esburacados.

Para cúmulo do azar, o jipe passou por cima de uma casa de marimbondos, que o vento derrubara de uma árvore, e nenhum de seus ocupantes conseguiu se livrar de algumas picadas.

Finalmente, faltando cerca de oito quilômetros para atingirem seu destino, o jipe atolou irremediavelmente, e tiveram de seguir a pé.

Para a grande maioria dos representantes das comissões municipais presentes ao seminário, era a primeira vez que se avistavam com um elemento do MOBRAL Central. E aquela figura exausta, imunda e toda picada de insetos, que irrompeu plenário adentro, certamente não lhes causou uma impressão muito favorável...

No município de Triunfo, interior de Pernambuco, uma classe de Alfabetização Funcional localizava-se no alto de íngreme ladeira. Com a chegada da época das chuvas, o acesso dos alunos à classe ficou muito difícil, pois a ladeira era recoberta, em sua maior extensão, por uma tabatinga que, quando molhada, ficava mais escorregadia do que vidro. Depois de muitos trambolhões, os alunos resolveram se organizar e pedir auxílio à Prefeitura, para que enviasse alguns trabalhadores e revestisse a ladeira de pedras.

Carente de recursos, e certamente às voltas com outros problemas de maior vulto, a Prefeitura tardava em atender ao pedido. Isto se refletia de modo bastante negativo no curso, que em noites de muita chuva tinha sua frequência bastante reduzida.

Foi quando a alfabetizadora promoveu uma reunião com seus alunos e colocou o problema em discussão. E a solução não se fez tardar — resolveram eles mesmos calçar a ladeira.

Não se sabe de onde veio o material — pedras, paus, ferramentas. Não se sabe onde conseguiram tempo, aqueles homens que labutavam o dia inteiro e ainda estudavam, à noite. Mas o fato é que a ladeira foi calçada. e o curso pôde continuar.

Mais tarde, o próprio Prefeito, ao verificar a excelência do trabalho feito, comentou com um de seus autores:

— *Boa obra, hein?*

— *Pois é, nós tinha precisão dela.*

— *Foi difícil?*

— *Bão, difícil foi. Mas comparado com a tal de alfabetização, até que num foi tão difícil assim.*

Em Varginha, Minas Gerais, existe uma classe de alfabetização do MOBRAL. Até aí, nada demais. É igual a milhares de outras, por esse Brasil afora.

A alfabetizadora chama-se Maria Emília. Já lidava com analfabetos desde muito antes da existência do MOBRAL, mas estava quase desistindo — seus problemas eram muitos. A comunidade não apoiava, os recursos eram escassos. Os alunos progrediam com grande dificuldade, e os êxitos eram raros.

Quando se juntou ao MOBRAL, alguns de seus problemas foram resolvidos. Nunca mais sentiu falta de material didático. A comunidade, devidamente informada, passou a apoiar seu trabalho. Alguns que se haviam evadido, voltaram.

É certo que ainda enfrenta muitos problemas. A pobreza, a subnutrição, a falta de tempo dos alunos — como muitos alfabetizadores do MOBRAL. E outros, como a necessidade de adaptar a metodologia de ensino a seus alunos.

Afinal, são todos surdos-mudos.

No início do funcionamento do MOBRAL, um grande número de instruções tinha de ser repassado para as Comissões Municipais que então se constituíam. Dentre elas, foi enviado um folheto, contendo instruções detalhadas quanto à prestação de contas das gratificações dos alfabetizadores. Em anexo, para tornar o assunto mais claro, foi enviada uma folha de pagamento, com nomes fictícios, onde se exemplificava o processo.

Passado algum tempo, começaram a chegar ao MOBRAL Central as prestações de contas. Para satisfação dos responsáveis, muito poucos erros foram cometidos. Mas um deles repetiu-se em várias prestações de contas recebidas.

Nas listas com os nomes dos alfabetizadores, e com as quantias a estes pagas figurava, com grande frequência, ao pé da página, a mesma advertência que constava no modelo enviado: "esses nomes são fictícios, servem apenas como modelo".

Após o término de seu treinamento como alfabetizadora do MOBRAL, Sônia Regina estava ansiosa para encontrar um local apropriado para instalar sua classe. Depois de muito procurar, sem sucesso, deparou com as ruínas do que havia sido a Igreja de São Gonçalo e São Bento, à estrada do Camorim, sem número, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. A conselho do pároco de outra igreja próxima, procurou o Monsenhor Castelo Branco, em Madureira, que depois de tentar desencorajá-la, rendeu-se a seu entusiasmo e concordou com a utilização da igreja, desde que as obras de restauração corresse inteiramente por sua conta.

Sônia Regina não desanimou. Reuniu um grupo de jovens da rua onde morava, que se juntaram a alguns analfabetos já recrutados, e todos, em mutirão, lançaram-se ao trabalho. Em novembro de 1978, na igreja recuperada, realizava-se a aula inaugural do curso de alfabetização.

E em dezembro do mesmo ano, a igreja que havia sido construída pelos escravos e onde não se rezava missa há mais de quinze anos, reabria suas portas para o culto, com a celebração de uma missa e a realização da primeira comunhão de várias crianças dos arredores.

No município de Candelária, Rio Grande do Sul, estava sendo implantado o Programa Diversificado de Ação Comunitária, do MOBRAL. Os técnicos do MOBRAL conseguiram reunir, no distrito rural de Picada Karnopp, um bom número de habitantes em sua maioria fazendeiros, colonos ou trabalhadores rurais. Mas, para seu espanto, as pessoas pareciam apáticas durante a reunião, o que contrariava toda sua experiência anterior.

Só ao cabo de algum tempo atinaram com a causa do desinteresse. É que, na platéia, muito poucos falavam português. Alemães ou descendentes de alemães, não conheciam outra língua que não seu dialeto de origem.

Depois de encontrado um intérprete, as coisas voltaram a seus lugares e todo o pessoal, como sempre ocorria, mostrou-se bastante motivado para o programa.

Ao término da implantação do programa, os técnicos regressaram ao Rio trazendo uma reivindicação — Que se instalassem classes de alfabetização do MOBRAL. Mas para atender àqueles “analfabetos”, em português.

Nos primeiros anos de funcionamento do MOBRAL, não sem raro encontrar Prefeitos analfabetos. Quando da assinatura de convênios de Alfabetização Funcional isto, às vezes, causava alguns problemas. Três casos são bastante significativos.

O primeiro, ocorrido em um município do interior do Piauí, foi o de um Prefeito que, não sabendo assinar seu nome, levou um amigo para que assinasse por ele.

Outro, no Rio Grande do Norte, ao perceber que o representante do MOBRAL prestava atenção ao penoso labor de “desenhar” seu nome, colocou a outra mão como anteparo, evitando que ele acompanhasse sua tarefa, concluída ao cabo de mais de três minutos.

O último foi o caso de um Prefeito de Minas Gerais que, interrompido pela representante do MOBRAL enquanto assinava o convênio, amassou a folha e pediu-lhe outra. Mas antes de recomençar, advertiu:

— *Olha, dona, da outra vez a senhora me interrompeu e eu esqueci o nome que eu tava. Agora fique quieta, tá?*

Numa pequena cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, uma alfabetizadora do MOBREAL tinha um problema — conseguiria reunir duas turmas de alunos, às quais atendia simultaneamente, em sua própria casa; mas só tinha um quadro de-giz.

A princípio, levava o quadro de um cômodo para o outro, onde funcionavam as classes. Mas o expediente logo se revelou muito penoso, causando problemas sérios para os alunos.

Foi então que encontrou a solução. Removeu uma das classes para a cozinha, que era bastante ampla para abrigar todos os alunos, e se comunicava com a sala, onde funcionava a outra classe, por uma porta larga. Pendurou o quadro-de-giz na porta de comunicação e, escrevendo ao mesmo tempo em suas duas faces, conseguiu multiplicar por dois o seu acessório de ensino e levar a bom termo sua tarefa de, simultaneamente, atender às duas classes.

Em 1973, em Santa Catarina, uma senhora que diziam ter cento e vinte anos procurou o MOBRAL, querendo se alfabetizar. Como não podia deixar de ser, seu desejo causou bastante curiosidade no técnico que foi por ela procurado. Não se contendo, perguntou-lhe por que desejava se alfabetizar.

Sua resposta foi simples e imediata, dita numa voz trêmula, mas perfeitamente clara:

— *Eu queria poder ler a Bíblia, antes de morrer.*

Os mais diversos tipos de alunos têm frequentado as classes do MOBRAL. Homens e mulheres, moços e velhos, da cidade ou do campo, todos unidos pelo interesse comum de aprender a ler e a escrever.

Nenhuma classe, no entanto, terá sido tão estranha como aquela que se instalou em Mogi das Cruzes, especialmente para atender a empregados da Cerâmica e Velas de Ignição NGK do Brasil S.A.

Não porque suas fisionomias revelassem que eram orientais — afinal São Paulo possui a maior colônia japonesa do Brasil. Mas porque seus vinte e oito participantes, que recebiam com muito carinho, das mãos da pequenina professora seus diplomas de Alfabetização Funcional, eram todos técnicos de alto nível, alguns deles com curso superior, como vários engenheiros.

Japoneses de nascimento, até o advento do MOBRAL eram efetivamente analfabetos — em português!

A Supervisora de Área programara uma visita de surpresa a uma classe muito isolada, em Ibaiti, Pernambuco, local de difícil acesso, no meio de um mato cerrado, e ali só se chegava através de uma picada tortuosa e íngreme.

Noite sem lua, mais de oito horas, lá ia a Supervisora, com uma lanterna, a afastar os galhos que lhe estorvavam o caminho. Ao chegar à casa onde funcionava a classe, pareceu-lhe ouvir um tropel de gente correndo. Bateu, mas ninguém veio atendê-la. Abriu a porta, que estava apenas encostada, e encontrou uma sala vazia.

Só aos poucos o pessoal, muito ressabiado, foi voltando. Eram mais de trinta alunos, que haviam fugido com medo de assombração...

Programação Visual
GEPED/SETED

Impressão
GERAP/SEGRA